

A Domesticação da Gramática de Gênero

São Paulo: Pontes Editores 2021, 174 p.

IVA SVOBODOVÁ [9255@mail.muni.cz]

Masarykova univerzita, República Checa

[HTTPS://DOI.ORG/10.5817/ERB2021-1-24](https://doi.org/10.5817/ERB2021-1-24)

Um dos temas mais interessantes que tem ocupado o pensamento atual da civilização ocidental e que pertence, sem sombra de dúvida, aos mais discutidos do século XXI, é a procura da identidade por pessoas não se sentem incluídas na norma de gêneros, seja pela sua orientação, expressão de gênero ou características sexuais. As comunidades LGBT, LGBTQIA, LGBTQ, designadas também como *queer* (em PB, como *cuir*) e, às vezes, como minorias sexuais, estão a tornar-se, ao mesmo tempo, o objeto de estudo, cada vez mais frequente, de diferentes disciplinas linguísticas. No foco de atenção da lexicologia, têm-se encontrado, por exemplo, a terminologia relacionada com a tipologia de orientações sexuais (p. ex. *assexual, bissexual, andrógeno, pansexual, travesti* etc.) e glossários que envolvem expressões de injúria e depreciação (p. ex. *viado, bicha, baitola, sapatão, sapatona, caminhoeira, gobi, trava, traveco/a*). Na área da morfologia e sintaxe, tem sido dedicada alguma atenção, também, aos sufixos (e, @, x, *) e ao gênero gramatical e ontológico enquanto categoria gramatical, cuja função se limita a veicular apenas a relação dicotômica entre o feminino e o masculino, eventualmente, neutro nas línguas indo-europeias.

Um dos acérrimos oponentes da concepção tradicional do gênero ontológico é Danniel da Silva Carvalho. Na sua obra intitulada “Domesticação da Gramática de Gênero”, publicada em 2021 pela editora Campinas, SP: Pontes Editores, defende a hipótese de a distribuição linguística do gênero gramatical e ontológico ser o resultado da imposição estereotipada de uma métrica bigenérica, principalmente, por parte dos escolásticos como Aristóteles e de outros

protagonistas da filosofia da civilização ocidental. Ao longo do texto, na extensão de 147 páginas, gera um diálogo com os mais ilustres filósofos e pensadores de diferentes correntes e escolas de pensamento invocando a (re)caracterização da sociedade de uma forma menos hermética. Apesar de o título da sua obra levar o leitor a esperar uma análise linguística, ela insere-se, antes, no campo de sociologia ou filosofia, podendo, porém, constituir um dos pontos de partida na redefinição da categoria do gênero gramatical. Antes de resumir as ideias principais desta sua obra, introduza-se algumas palavras sobre o próprio autor.

Com doutoramento em Linguística (2008) pela Universidade Federal de Alagoas, o autor da obra é professor associado de Linguística na Universidade Federal da Bahia. Foi investigador visitante na Queen Mary, University of London (2014–2015). É líder, juntamente com a professora Fernanda de Oliveira Cerqueira, do Grupo de Pesquisa “A Sintaxe-phi das Línguas Naturais”. Possui experiência conduzindo pesquisas sobre os seguintes temas: morfossintaxe das línguas naturais, gênero e língua, linguística lavanda/*queer*, crítica gramatical. Alguns dos trabalhos que desenvolveu incluem, precisamente, a estrutura interna de pronomes em português, traços-phi e seu papel na morfossintaxe das línguas e identidades de gênero em comunidades LGBTQIA+. Desde 2019, sua pesquisa tem-se concentrado em como a gramática pode ajudar a entender o imperialismo epistemológico e as relações de poder na concepção e manutenção de suas categorias. É autor de diversos artigos e capítulos de livros. Entre as suas obras mais relevantes estão a organização

dos volumes “Gênero e língua(gem): formas e usos” (EDUFBA, 2019), “Gramática Gerativa em Perspectiva” (BLUCHER, 2018) e a monografia “The Internal Structure of Personal Pronouns” (Cambridge Scholars Publishing, 2017).

A obra “Domesticação da Gramática de Gênero” consta de cinco capítulos, precedidos de Apresentação (p. 7–14) e seguidos de Fecharão (capítulo 6., p. 145–154).

No primeiro capítulo (*Introdução à Indômita Gramática Domestificada*, p. 15–36), o autor aborda a temática desde uma perspectiva histórica. Lembra, criticamente, que o conceito de categoria, fundamental na construção da gramática ocidental, foi estabelecida por Aristóteles e outros protagonistas do pensamento escolástico, de um modo que define como “ilusão metodológica, ficção técnica ou ainda delíria de uma lógica genealógica eurocêntricas”. Encara a atribuição do gênero gramatical como repressora e dogmática, e sugere o seu desconfinamento, neutralização ou *desantropomorfização* com base em argumentos e metáforas a serem desenvolvidos de seguida.

No segundo capítulo (*Pés de Lótus*, p. 37–59) continua na mesma linha de pensamento. Assinala que a atribuição tradicional do gênero seja gramatical, ou ontológico não vai ao encontro da realidade. A sociedade, segundo o autor, é constituída não só pelos seres humanos comuns e aristotélicos como também pelos seres particulares e específicos, que não encontram na língua o seu homólogo designativo. Assim como os nossos pés podem não caber nos sapatos que nos são impostos calçar, pode não se encaixar, nas ditas duas categorias, toda a taxonomia genérica. E é precisamente através da metáfora do *pé de lótus* que o autor evoca a imagem do corte dos pés, da mutilação para que ganhem a forma e o tamanho exigidos, mostrando a sua acérrima repugnância quanto a este tipo de solução, predeterminada e imposta, que põe obstáculos ao processo da verdadeira autoconsciência e *auto-perceção* e comparando-a com a extinção epistemológica (denominado como *epistemicide*). A sua relutância re-

percuta-se, simbolicamente, na aplicação das letras iniciais minúsculas em vários topónimos como podemos reparar ao longo do livro (*américa, áfrica, australásia*).

No terceiro capítulo (*O Valor Categórico do “Ser” e A Visão do Olho de Deus*, p. 61–83), é este processo concebido como um monólogo interior, ou então, um diálogo entre o “eu” e si mesmo. Através do olho de Deus (que trespassou ao olho humano) são colocadas questões que antes não eram colocadas, por se tratar de verdades divinas, são levantadas dúvidas sobre factos antes não pronunciadas pelo mesmo motivo, e é investigada a verdade e, até repugnado o dogmatismo eclesástico. O olho de Deus, enquanto o sensor presente no ser humano, portanto, representa o modo de se chegar à verdade e de se produzir um conhecimento verdadeiro sobre os valores categoricamente ensinados e transmitidos.

No quarto capítulo (*A Gramática no Espelho: O Que Chamamos de Gênero, afinal?*, p. 85–117), o autor parte da metáfora do espelho para demonstrar a relação assimétrica entre a imagem e a realidade. O espelho é encarado desde a perspectiva hierárquica de hiponímia, limitando-se a projetar apenas uma imagem geral e superficial no próprio sentido da palavra. Do mesmo modo, o gênero estabelecido e domesticado reflete apenas marginalmente a real taxonomia genérica. O autor, a título de um sujeito académico e social, de uma cultura nordestina e *queer*, provoca um reposicionamento desse espelho para que ele possa refletir também outros seres, ou os outros “eus” possíveis e repensar essa imagem como um caleidoscópio com inúmeros espelhos (também socioculturais) que formam as suas paredes internas.

No último, quinto, capítulo (*Sobre as Genitálias Gramaticais ou sua Representação de Diferentes Corpos*, p. 119–145) o autor pronuncia-se, com uma certa reserva, sobre a inércia com que a tradição se manteve até os nossos dias. Como contraponto menciona vários exemplos de classificação categorial de gênero baseada em diferentes cosmovisões, em línguas indígenas, brasileiras, africanas, subsaarianas e asiáticas. O autor prevê que a métrica binária, da

forma como foi domesticada nas línguas de marcação de gênero sob influência do pensamento ocidental e da religião, não seja, no futuro, a única válida, devido à metamorfose do ser aristotélico, em torno do qual orbitam diversas predicções de coisas. Segundo o autor apura, todas deveriam ser apreendidas pela sociedade, pela cultura e pela língua.

A linha principal da pesquisa é documentada, enriquecida e bem acompanhada pelo diálogo com pensadores, filósofos e linguistas de várias correntes de pensamento e de diferentes eras. São as ideias de Dante Alighieri, Edward Sapir, Stephen Toulmin, Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre, Madina Tlostanova, de entre muitos outros, que impelem os leitores conciliarem-se com que os referidos modelos, puramente convencionais segundo o autor, que podem ser facilmente, desmontados. O autor, contudo, não oferece soluções concretas, nem foi esse o seu objetivo, uma vez ciente de se tratar de um tema delicado. Relembremos, neste sentido, que, por exemplo na Alemanha, a *desantropomorfização* de *Gendersternchen* (o próprio termo foi escolhido, no país, como o principal anglicismo do ano 2018) já é considerada pelas autoridades na medida em que se pode usar o asterisco quando a pessoa não se considera fazendo parte de categorias *pré-fabricadas*.

Ao mesmo tempo, a remodelação pode levar a três situações pouco favoráveis. Primeiro, qualquer processo de gramaticalização implica uma determi-

nada generalização, e, sendo uma classe ou categoria aberta, cujo repertório pode alargar-se, tornar-se-á difícil se não impossível definir os meios gramaticais suficientes e eficientes, tendo de recorrer-se, de qualquer forma, aos meios lexicais. Segundo, a remodelação da gramática de gênero teria em consequência um impacto na organização sintática da frase, já que os signos afetariam não só os pronomes e artigos como também todas as desinências e sufixos derivacionais que desempenham um papel importante na concordância nominal e verbal. Os linguistas alemães, pelos mesmos motivos, advertem sobre o perigo da criação de expressões e frases não corretas. Por fim, a língua, como instrumento de comunicação que reflete o pensamento e atitudes dos seus utilizadores, não consegue proteger-se ela própria de qualquer abuso dos meios expressivos, nas situações não convencionais, que se encontram fora de modelo, o que, muitas vezes, leva a um comportamento agressivo. O processo da adaptação da categoria gramatical de gênero à “nova” realidade expõe-se, assim, ao perigo de transformar em mais um meio linguístico de humilhação, inclusive a nível oficial, por parte de pessoas e instituições intolerantes, em vez de contribuir para uma maior harmonia e simetria entre o sentimento e a língua. Situação essa que não deveria ocorrer numa sociedade democrática e livre, mas que, infelizmente, não é possível evitar e ainda menos no início de desafio a longo prazo.

